

Mercados, ilegais e desorganizados

Entrevista com Peter Reuter

Michel Misse¹, Pedro Paulo de Oliveira², Alexandre Werneck³, Carolina Grillo⁴ e Benjamin Lessing⁵

Traduzido por **Bruno Cardoso**

Os debates acerca das políticas públicas que lidam com a questão das drogas têm sido um campo minado há décadas em vários países. Um lado insiste em que a única meta admissível é a total erradicação de produção, comercialização e consumo das drogas consideradas ilícitas⁶. Utilizando a linguagem da guerra, seus partidários descrevem qualquer política alternativa – apesar de 40 anos de repressão a drogas não terem produzido uma diminuição em seu uso – como “dar-se por derrotado”, “deixar os traficantes vencerem”, ou simplesmente “pró-droga”⁷. O outro lado vê a política de “guerra” contra as drogas como um grande e imoral gerador de desperdícios, violência armada e violações de direitos humanos. Porém, admitimos que há certa falta de boa fé em reconhecer os danos reais que as drogas podem causar, tanto como os sérios perigos inerentes em qualquer proposta de descriminalização.

O que muitas vezes faz falta nesse cenário são estudos rigorosos, com dados empíricos confiáveis, motivados por bem formuladas perguntas de pesquisa e não por agendas políticas. Ou antes, faria falta, não fosse pela obra de Peter H. Reuter. Economista americano com doutorado em Yale, ele hoje é *senior advisor* e da Rand Corporation, uma organização não governamental que promove pesquisas em vários países. E dessa instituição, onde é um dos coordenadores do Drug Policy Research Center – o que o qualifica a estar na linha frente das discussões sobre políticas de droga no mundo –, há anos vem produzindo estudos que,

1 Coordenador do NECVU/IFCS/UFRJ e diretor de **Dilemas**.

2 Professor do PPGSA/IFCS/UFRJ e pesquisador do NECVU.

3 Pesquisador (pós-doutorado) do NECVU e editor de **Dilemas**.

4 Doutoranda do PPGSA/IFCS/UFRJ e pesquisadora do NECVU.

5 Diretor do Observatório Internacional de Narcotráfico e Violência e pesquisador associado do Iser.

6 Este segue sendo o objetivo declarado dos grandes tratados internacionais da ONU sobre o tema, firmados pela vasta maioria dos governos.

7 Essa expressão foi usada em uma reunião diplomática de alto nível em Viena, em março de 2009, pelo diretor-executivo do Gabinete das Nações Unidas para a Droga e a Criminalidade, Antonio Maria Costa, para descrever os críticos à política mantida pela ONU.



em vez de polemizar, tendem a perguntar: “O que os dados podem nos ensinar?”. A resposta é muitas vezes complexa, até ambígua, mas sempre honesta e confiável. Poucos pesquisadores têm contribuído com tanta informação, evidência, teoria e análise equilibrada sobre tantos aspectos importantes do comércio de drogas ilícitas. Entre outros temas, suas análises incidem sobre questões como: o custo das políticas de drogas (REUTER,

2006); a relação entre repressão de oferta e preço das drogas (CAULKINS, REUTER e TAYLOR, 2006); a eficácia de tratamento (REUTER e POLLACK, 2006); o uso de violência no tráfico (MACCOUN, KILMER e REUTER, 2003); o mercado de trabalho dos traficantes (REUTER E MACCOUN, 1992); e como avaliar as experiências europeias com a descriminalização da maconha (MACCOUN E REUTER, 2001)⁸.

Assim, nosso entrevistado é, antes de tudo, um economista impecável: ele parte do princípio de que a análise deve ser positiva, não normativa – a ponto de, na entrevista, ele negar a importância de sua própria opinião sobre a política de drogas! –; que os envolvidos, tanto traficantes e policiais como usuários, são atores racionais, respondendo a incentivos; e, sobretudo, que o mundo das drogas é mais bem entendido como um *mercado*, se bem que com características distintas dos mercados lícitos, pelo fato de os traficantes não terem como assinar contratos ou dependerem de instâncias jurídicas para fazer valer os direitos de propriedade. Esses *insights* formam o núcleo de uma ampla obra acadêmica que não apenas têm enriquecido enormemente o debate sobre política de drogas no mundo inteiro, como tem ainda estabelecido um patamar de qualidade em termos de pesquisas sobre o assunto ao qual outros pesquisadores devem aspirar.

8 Reuter é autor de um dos maiores clássicos dentre os estudos sobre o crime organizado, justamente aquele que, surpreendentemente, nega a categoria: *Disorganized Crime: The Economics of the Visible Hand*, publicado pela primeira vez em 1983, recusa a noção preestabelecida de que a máfia controla os mercados ilegais com sua “mão visível” de violência e com conexões com a corrupção institucionalizada. Em vez disso, ele mostra uma complexa rede de relações entre pequenos empreendimentos, marginais e de pequena duração, um “crime desorganizado”, estabelecido muito menos por velhas leis de família e juramentos rituais e mais por velhas leis de mercado. (N.E.)

Durante a sua passagem pelo Rio de Janeiro para participar da primeira reunião da Comissão Brasileira sobre Drogas e Democracia, Reuter quis conhecer pesquisadores, professores, e, mais que tudo, estudantes interessados nos temas a que ele tem dedicado sua vida profissional. Não hesitei em contatar o professor Michel Misse, e o resultado foi uma palestra no IFCS e a entrevista com integrantes do NECVU aqui apresentada.

Ficou evidente que o pesquisador, muito mais do que expor sua teoria à audiência, buscava diálogo com ela, queria ouvir. Por exemplo, em determinado momento da entrevista, quando o professor Michel Misse lhe pergunta sobre capital: é um momento – demasiado raro na academia – em que duas correntes teóricas muito diferentes, quase opostas, se encontram e o resultado é frutífero. Em outro momento, ainda logo após sua apresentação, ele demonstrou paixão pela pesquisa e generosidade para com os jovens pesquisadores: conversou com estudantes sobre as pesquisas deles, trocando ideias e dando sugestões. Depois, quando o questionei por e-mail a esse respeito, Reuter explicou que até essa paixão e essa curiosidade têm seu fundamento nos princípios da pesquisa rigorosa: “Política de drogas e crime organizado são duas áreas em que estudos comparativos transnacionais são chave, por duas razões: primeiro, a comunidade de pesquisa de cada país é escassa, inclusive nos EUA. Segundo, o campo de variação em cada país é limitado, e é necessário examinar as experiências de vários países para testar qualquer teoria interessante”.

Pois tal como foi um privilégio participar dos eventos daquele dia, é um privilégio para mim poder apresentar o professor Peter Reuter aos leitores desta revista. Espera-se que esta entrevista sirva para brindar novas perspectivas neste debate tão importante, não apenas para aqueles interessados nos problemas gerados pelas políticas de drogas adotadas nas grandes metrópoles brasileiras e latino-americanas, mas para todos os que se interessam pelo assunto no mundo inteiro.

Benjamin Lessing

Alexandre Werneck: O senhor é economista. Entretanto, é autor de um importante livro usado em estudos de sociologia do crime, *Disorganized Crime: The Economics of the Visible Hand*, depois republicado com o subtítulo *Illegal Markets and the Mafia*. Pode nos contar como se interessou por esse tipo de assunto?

Gostaria de ouvir que foi um acidente? Bem, eu me formei em economia e consegui um emprego em uma fundação privada dedicada a pesquisas. Um dos projetos pelos quais era responsável era um estudo sobre o jogo ilegal em Nova York. Por uma série de acasos, tornei-me diretor de pesquisas de uma comissão federal consultiva para jogos de azar, incluindo jogos ilegais. Ora, a maior parte dos jogos de azar é ilegal. Comecei a perguntar ao FBI por qual motivo eles achavam que a máfia controlava e mantinha o jogo ilegal. As respostas deles nunca fizeram sentido para mim. Eu tinha acabado de sair da escola de economia e tinha muito claro que, em um monopólio, você pode excluir rivais e ajustar as quantidades que estabelecem os preços. E eles me diziam: “Não, eles simplesmente controlam os jogos de azar”. Isso me deixou curioso. Até que me ofereceram a oportunidade de estudar os jogos ilegais em Nova York e isso levou a *Disorganized Crime*. Portanto, foi apenas uma sequência de acasos. Eu bem poderia estar estudando as regras de crédito na Índia e isso me levaria para outro caminho. Mas uma vez envolvido com um mercado ilegal, comecei a me interessar por todos os mercados ilegais. Assim, cheguei às drogas, que é o maior deles. Mas, como você vê, tudo não foi nada mais que um acidente. Não sou especialmente apaixonado pelo tema.

Werneck: Os mercados ilegais lhe pareceram importantes porque são ilegais ou porque são mercados?

Interesso-me apenas por mercados ilegais. Quando os jogos de azar passaram a ser legais e aceitos, perdi o interesse. Porque o que acho que faço bem é pensar

nas consequências das ilegalidades para os mercados e para o comportamento. Também faço outras coisas. Por exemplo, avalio a política para as drogas, que não está ligada aos mercados ilegais. Mas acho que no que realmente posso contribuir para o entendimento os mercados é na compreensão das consequências da ilegalidade. Acho isso importante, pois ninguém mais fala a respeito.

Carolina Grillo: Por todos os estudos sobre mercados ilegais que o senhor usou como fonte, que tipo de informação coletou para sistematizar todo esse conhecimento? São tipos muito diferentes de informação, não é?

Para um economista, trabalhei com um nível bastante alto de informação de qualidade. Pelo menos em comparação a outros economistas. É confortável trabalhar assim. Eu era muito otimista e procurei por todos os dados que pudesse encontrar. Mas não fiquei afogado em uma abundância de dados. Geralmente tenho é que lutar para dispor de poucos fatos. Há cinco anos aproximadamente, escrevi um livro sobre lavagem de dinheiro [*Chasing Dirty Money: Progress on Anti-Money Laundering*] e estava interessado nos efeitos do controle, pois há um sistema estabelecido de controle muito elaborado em relação a isso. As pessoas achavam um fato natural alguém interessado no mercado das drogas passar para o tema da lavagem de dinheiro. Eu dizia: minha verdadeira especialidade é trabalhar com dados. E sobre lavagem de dinheiro eu não tinha quase nenhum dado, tinha apenas uma pequeníssima quantidade de fatos e números. Portanto, não posso dizer que eu tenha uma estratégia em particular. Fiz vários trabalhos envolvendo modelagem, construção de modelos de simulação, que levaram a uma estrutura de relacionamentos, tentando usar quaisquer fatos disponíveis que pudessem estabelecer parâmetros. Eu não posso dizer que tenho uma estrutura sistemática e coerente de coleta de dados.



Carolina: O senhor teve a oportunidade de conversar com pessoas envolvidas nesses mercados ilegais?

Em *Disorganized Crime*, menciono um homem que lida com apostas de beisebol. Mas não gostei muito do que obtive com ele, falei com personagens melhores. Isso, entretanto, toma muito tempo. No início da minha carreira, estive com traficantes de drogas na prisão. No entanto, conforme você adquire mais experiência, parece que você precisa de um uso mais eficiente do tempo. Então, na pesquisa com os traficantes em Washington, tínhamos um bom dinheiro disponível e pudemos pagar por pesquisas como *survey*, entrevistas etc. Tenho conversado com traficantes por 20 anos. Essa é minha área de conhecimento.

Carolina: O senhor tem enfatizado o uso de violência como demonstração de poder, na maior parte dos casos, e também mencionou o uso da violência como administração de conflitos relacionados a questões envolvendo dívidas. Mas gostaria de saber se o senhor já se concentrou nas regras morais que regem estes mercados ilícitos. Há alguma moralidade, quão importante ela é para eles e como eles usam a violência entre eles?

É uma boa pergunta. A resposta mais simples é que não há muita compreensão sobre as regras evolutivas da conduta. Há literatura sobre o assunto, ao menos no nível do comércio de varejo. Por exemplo, o trabalho de Bruce A. Jacobs e Richard Wright, da Universidade do Missouri, Saint Louis. Eles trabalharam bastante em torno do desenvolvimento desses códigos de conduta. Eu, na verdade, não. Alguma coisa vem da pesquisa que faço, mas não acho que tenha nada de relevante sobre isso. Não estou tentando produzir uma grande teoria sobre violência. O que tento é identificar o modo como fatos econômicos influenciam a violência. Isso certamente não é uma teoria completa.

Werneck: Esse tipo de abordagem nos leva a pensar na violência como um modo de manter a ordem. E parece haver sempre um nível microscópico em suas descrições. Então, fiquei me perguntando qual é o papel da confiança em um sistema como este, pois quando se fala em nível micro e manutenção da ordem, fica claro que a violência não pode ser o único meio...

De fato, não. Uma vez que você aceita a existência de organizações – e não indivíduos que tomam decisões sozinhos –, então você pode aceitar que é o interesse da organização que governa o uso da violência e este é o modo como a máfia trabalha: a organização precede o interesse individual. Essa questão é ainda do campo da economia, pois ela vê esses movimentos como racionais e estratégicos. Além disso, há o fato de que a violência envolve sobretudo homens usuários de drogas, que não a utilizam instrumentalmente, mas também expressivamente. Não posso fazer um bom trabalho sem levar a conduta em consideração. Trabalhei por um longo tempo com dois colegas com experiências bastante distintas: Robert MacCoun, psicólogo, da Universidade da Califórnia em Berkeley, e Jonathan P. Caulkins, matemático, especialista em pesquisa operacional na Carnegie Mellon University [*em Pittsburgh, Pensilvânia*]. Há cinco anos, eles publicaram um artigo em que tentavam

usar os *insights* da abordagem [comportamental cognitivista] de [Amos] Tversky e [Daniel] Khaneman no contexto do tráfico de drogas. Eles não a aplicaram em relação à violência, mas para decisões tomadas na comercialização de drogas. Suspeito que esse é um quadro que expande o tipo de coisa que eu faço para levar em consideração o fato de que nenhum comportamento é estratégico, nenhum comportamento é racional. Mas eu mesmo não tenho bons *insights* a esse respeito.

Benjamin Lessing: O senhor mencionou que os traficantes de drogas mais jovens são mais violentos. Estávamos conversando a respeito do México e também da situação no Rio de Janeiro. E uma ideia que surgiu foi: às vezes o chefe é preso e seu braço direito o substitui. E às vezes este segundo é o mais militar. É ele o encarregado de vencer as batalhas, enquanto o que estava no topo é geralmente o encarregado pelas relações, pela política. Isso seria, então, uma espécie de seleção que os vai tornando mais violentos? Ou talvez eles tenham que praticar a violência para mostrar que agora estão no poder...

Acredito que a instabilidade no mercado das drogas é uma faca de dois gumes do ponto de vista da sociedade. Por um lado, o mercado pode parecer menos atraente; por outro, instabilidade leva a um comportamento errático, menos previsível, em termos de relacionamentos entre os traficantes, o que enfatizei em meu trabalho, mas também fora de seus círculos. Lidei, trabalhando sobretudo nos Estados Unidos, principalmente com criminosos de posturas não desafiadoras. O que significa que, tornando-se o sucessor, você não conquista as *bona fides* estabelecidas por matar uns poucos policiais a mais. Isso, no entanto, pode ser bem o caso do Brasil e do México, onde a conquista da boa fé em relação a um novo líder demanda demonstrações como essas.

Michel Misse: Por que há mais violência no tráfico nas áreas urbanas mais pobres do que no tráfico, por exemplo, das elites ou das classes médias? Será que não é um justamente um problema de falta de capital que aumenta a desconfiança?

Essa pode ser uma resposta baseada na estrutura de classes. Geralmente, as comunidades carentes são mais violentas. Eu suspeito que as altas taxas de porte de armas nos Estados Unidos resultam em maior probabilidade do uso da violência de qualquer modo. É uma dessas coisas sobredeterminadas. Se cada um de nós pudesse apontar um fato, teríamos acumulado seis razões diferentes. Eu não pensaria no capital. Por que o capital?

Misse: Porque nas áreas pobres do Rio ninguém tem dinheiro para comprar drogas. Então você tem um sistema de consignação de vendas. O sujeito fica devendo, todo mundo fica. Inclusive o dono do tráfico, que muitas vezes tem dívida com o fornecedor. Esse é, então, um sistema que cria uma instabilidade tremenda e a violência é uma forma de resolver conflitos, pendências nessa área.

Isso é interessante. Acho que as drogas são vendidas na maioria das vezes a crédito. É a rotina do negócio. A primeira vez que eu compro um quilo, tenho que colocar dinheiro. Na terceira vez, já será por consignação. O interessante é que isso indica um nível de confiança, em muitas dimensões. É claro que conflitos surgirão: um vendedor se torna um matador, a namorada o rouba, o que quer que seja. Não posso dizer que não ouvi alguma menção a um problema sério. Posso citar o trabalho de alguém sobre um estudo recente na Grã-Bretanha. Eu estive envolvido. Não acho que seja tão profundo, mas vale a pena dar uma olhada. Uma coisa que tentamos fazer foi o que chamamos de um retrospecto da violência. Eu não me lembro de nada parecido. Alguns traficantes estavam na prisão. Alguns conseguiam ter carreiras longas. Isso podia acontecer. Pode até haver, mas não me lembro.

Carolina: Nos Estados Unidos, distingue-se claramente contrabando e tráfico. Na década de 1970, os contrabandistas eram bem diferentes dos traficantes de drogas. Então os cartéis de contrabandistas de drogas ganharam poder sobre a distribuição nos EUA. Como isso acontece hoje? Os cartéis perderam poder, não perderam?

Sim. Havia um sistema integrado de contrabando e distribuição. A “família” Herrera, do México, é famosa por conseguir fazer isso, mantendo uma rede que ia da Cidade do México até Chicago [*com 5 mil membros, 2 mil deles com ligações consanguíneas*]. Mas foi há muito tempo [*ela operou do final dos anos 1930 ao começo dos anos 1980*]. Nunca ouvi falar de nada tão integrado assim nos dias de hoje. Era uma organização bastante grande, mas claramente só lidava com um altíssimo nível de distribuição. Não tem qualquer conexão com os varejistas. Há muitos contrabandistas que transportam 50Kg e vendem os 50Kg. Mas não chegam ao nível dos vendedores de 10Kg ou coisa parecida. Há um ótimo estudo, o único que conheço sobre uma grande organização de distribuição de cocaína realizado em meados dos anos 1990, e foi escrito por Scott Decker e Margaret Townsend Chapman sobre o contrabando de drogas.

Carolina: A distribuição das drogas, então, está em sua maior parte nas mãos das quadrilhas locais?

São locais porque residem ali. É interessante. Em cada país ocidental, um poder substancial no tráfico de cocaína e heroína está concentrado na mão de grupos de imigrantes. Então, em Nova York, dominicanos e colombianos têm boa parte da distribuição. Na França, são os africanos; na Escandinávia, também. Na Suíça, a maioria vem dos Bálcãs. Os imigrantes têm controlado ou gerenciado alguns dos grandes mercados ilegais. No mercado da cocaína e da heroína, eles são um elemento central de distribuição.

Misse: O senhor acredita que o crime organizado nos EUA atualmente está declinando?

Naturalmente, depende de como você usa o termo. Certamente algo desapareceu na sociedade americana, se você considera que por muito tempo a máfia foi um importante problema para ela. Isso praticamente não existe mais hoje. Começou há 25 ou 30 anos e é

um processo importante. Ou seja, pode-se falar de um declínio de redes criminosas etnicamente constituídas capazes de consumir complexos empreendimentos criminosos. Mas em termos de instituições que ameaçam a ordem política local, não, não declinou.

Lessing: Mas a máfia tradicional estaria ocupando lugares no mercado de drogas?

Eles estão envolvidos no mercado das drogas desde o começo do tráfico de heroína, no início da década de 1960. Mas não tiveram nenhuma ação importante após isso. Seria algo interessante pensar por quê. Eles podem ter perdido muito dinheiro, mas também é um mercado muito mais arriscado. Ser um traficante de alto nível nos EUA é uma posição de alto risco. Resulta em prisão por um longo período. Até os anos 1970, os chefões da máfia passavam a maior parte do tempo na Itália. O governo federal trabalhou muito bem para persegui-los nos anos 1970 e 1980, mas em meados dos anos 1980 e na década de 1990, podia-se dizer que a posição mais arriscada a ser ocupada na sociedade americana era a de grande chefe da máfia.

Pedro Paulo de Oliveira: Parece-me que o senhor é otimista a respeito das políticas de drogas. Poderia enumerar algumas mudanças nas políticas sobre drogas que permitam ter essa perspectiva em relação a esse problema?

Estou otimista em relação à política para as drogas mais devido a sinais retóricos que por conta de fatos reais. Um fato promissor é o Congresso americano estar à beira de votar e aprovar uma nova legislação que vai reduzir as diferenças entre sentenças para tráfico de crack e tráfico de cocaína. É muito importante, menos porque muita gente será afetada, e mais porque isto vai se tornar o símbolo da guerra contra as drogas, da dominância dos guerrilheiros das drogas. O governo federal disse que não vai perseguir a distribuição da maconha para fins médicos na Califór-

7

nia, o que também é um sinal importante. O governo Obama claramente está preocupado com o alto nível de prisão de homens negros. As pressões financeiras para reduzir a população carcerária são um grande passo nessa direção. As sentenças de crimes de drogas se tornam facilmente reduzidas. Portanto, há poucas mudanças reais, mas alguns bons indícios.

Lessing: Mas o senhor está falando em termos da política interna dos EUA. No entanto, a maior parte dos entrevistadores aqui é da América Latina. E a grande pergunta nestes países é: de quanto tempo nossos governos nacionais dispõem antes que os Estados Unidos desçam aqui, metam o pé na porta e nos chamem de terroristas?

[Risos] Entendo perfeitamente. A cada primavera, ocorre, no estado de Indiana, uma reunião da Commission on Narcotic Drugs (NCD). Os EUA sempre foram bastante agressivos nessa reunião. E a grande questão foi que se o governo Obama tivesse de fato comparecido, este ano teria sido diferente. Mas foram apenas seis semanas entre a posse e a reunião. No entanto, a questão das drogas caiu bastante na agenda política... Os EUA estão claramente menos agressivos. Não chegaram ao grau de abertura dos Europeus, mas foram menos agressivos. E acho que serão ainda menos agressivos. Quando Richard Holbrooke, o enviado especial dos EUA para o Afeganistão e Paquistão, diz que “deveríamos estar erradicando as plantações de papoula dos pequenos fazendeiros do Afeganistão”, isso é um sinal. Não apenas isso. É uma declaração importante por si só, mas também é um sinal. Eu acho que seria menos estúpido que o círculo de ações militares do passado. Pois o ponto mais baixo em termos de legislação é o Canadá estar considerando descriminalizar a maconha, exatamente o que foi feito em 12 estados americanos. E a política de drogas segue bem mais o caminho de John P. Walters⁹, acusando o Congresso de envenenar a juventude americana.

9 Diretor do Office Of National Drug Control Policy, da Casa Branca. (N.E.)

Oliveira: Gostaria de saber sua opinião sobre o trabalho de Milton Friedman e Thomas Szasz sobre liberalização das drogas.

Eles são ótimos com relação aos direitos: você tem direito sobre seu corpo. Entretanto, sou pragmático: eles podem estar certos, mas isso é irrelevante. O fato é que essa não é uma posição aceitável para a população em geral. Também existem coisas em que acredito, mas essas crenças não interessam. Eu me esforço bastante para não expressar a minha opinião a respeito da política de drogas, porque acredito que aquilo com que posso contribuir é com uma análise que esteja acima do julgamento de valores. Sou um liberal. Se a legalização das drogas levar a mais usuários, mas conduzir também à redistribuição de custos entre as paupérrimas populações e a classe média, estou pronto para aceitar esse livre comércio. Por isso, não há motivo para expressar minha opinião pessoal.

Referências e sugestões de leitura

CAULKINS, Jonathan P. [e] MACCOUN, Robert. (2005), “Analyzing Illicit Drug Markets When Dealers Act with Limited Rationality”. Em: PARISI, Francesco [e] Vernon L. Smith (orgs.). *The Law and Economics of Irrational Behavior*. Stanford (Califórnia, EUA), Standard University Press, pp. 315-338.

CAULKINS, Jonathan P., REUTER, Peter [e] TAYLOR, Lowell J. (2006), “Can Supply Restrictions Lower Price? Violence, Drug Dealing and Positional Advantage”. *Contributions to Economic Analysis & Policy*, Vol. 5, nº 1.

DECKER, Scott [e] CHAPMAN, Margaret T. (2008), *Drug Smugglers on Drug Smuggling: Lessons from the Inside*. Philadelphia, Temple University Press.

FRIEDMAN, Milton [e] SZASZ, Thomas S. (1992), *On Liberty and Drugs: Essays on the Free Market and Prohibition*. Washington, Drug Policy Foundation Press.

JACOBS, Bruce A. [e] WRIGHT, Richard. (2006), *Street Justice: Retaliation in the Criminal Underworld*. Cambridge, Cambridge University Press.

KAHNEMAN, Daniel [e] TVERSKY, Amos. (2000), *Choices, Values, And Frames*. Cambridge, Cambridge University Press.

MACCOUN, Robert. (2001), *Drug War Heresies: Learning from Other Vices, Times, and Places*. Cambridge, Cambridge University Press.

_____, KILMER, Beau [e] REUTER, Peter. (2003), “Research on Drugs-Crime Linkages: The Next Generation”. *NIJ Special Report*.

_____[e] REUTER, Peter. (2001), “Evaluating Alternative Cannabis Control Regimes”. *British Journal of Psychiatry*, Vol. 178, pp. 123-128.

REUTER, Peter. (1985), *Disorganized Crime: Illegal Markets and the Mafia*. Cambridge (Massachusetts, EUA), The MIT Press.

_____. (1987), *Racketeering in Legitimate Industries Studies in Economics of Intimidation*. Santa Monica (Califórnia, EUA), RAND Corporation.

_____. (1988), *Sealing the Borders: The Effects of Increased Military Participation in Drug Interdiction*. Santa Monica (Califórnia, EUA), RAND Corporation.

_____. (2006), "What Drug Policies Cost: Estimating Government Drug Policy Expenditures". *Addiction*, Vol. 101, pp. 312-322.

_____ [e] MACCOUN, Robert. (1992), "Are the Wages of Sin \$30 and Hour? Economic Aspects of Street-level Drug Dealing". *Crime and Delinquency*, Vol. 38 , n° 4, pp. 477-492.

_____ [e] POLLACK, Harold. (2006), "How Much Can Treatment Reduce National Drug Problems?". *Addiction*, Vol. 101, pp. 341-347.

_____ [e] TRUMAN, Edwin M. (2004), *Chasing Dirty Money: Progress on Anti-Money Laundering*. Washington, Peterson Institute.